



# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COYACUES

Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

**SAPEC** OS MELHORES  
ADUBOS

PARA  
**TRIGOS, MILHOS,  
BATATAS e VINHAS**

A **SAPEC** vende os melhores  
adubos sempre aos melhores  
preços do mercado

**ADUBOS** para todas as culturas

**SAPEC** Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º  
LISBOA

**João Manuel Palma  
SERPA**

Produtor e fabricante de azeites,  
pelos processos mais modernos

**Francisco Romão Tenório**  
Herdade da Figueira de Cima

Criador de muars de raça seleccionada,  
e de gado cavalari, bovino, suino, lanigero e caprino.  
Produtor de toda a qualidade de cereais

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos  
**ARRONCHES**

**HERDADE DA GRAMICHA**

DE  
**Francisco Adelino Gonçalves**

Criador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino  
Produtor de cereais, lãs, azeites e queijos

**ELVAS**

**PATRICIOS**

Inscrevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»  
(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15  
e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição  
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º  
LISBOA

**Ramiro & Irmão, L. da**

Moagem de Cereais  
e Debulhas á Máquina  
Aldeia dos Fernandes — CASTRO VERDE

**Joaquim Patricio da Cruz**

Produtor de cereais

Fábrica de farinha em vama

**S. Luiz**

**ODEMIRA**

**BREVEMENTE**

# «Jornal do meio dia»

**EDIÇÃO DIÁRIA** (da «Alentejana Editora» em organização)

**DIRECTOR: PEDRO MURALHA**

Colaborado por profissionais da imprensa  
e com um serviço telegrafico e telefónico  
desenvolvido

**Novo aspecto gráfico e literário**

## “JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,  
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

**Ártigas:** Trabalho inédito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Urugual, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o “**Jornal do meio-dia**”

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais**      Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes  
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

**Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa**

# Vide Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTAÇÕES

Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## A crise no Alentejo

*Tendo o sr. José Baraona (Conde de Esperança) produzido um belo discurso sobre a necessidade que o Alentejo tem de um órgão na imprensa diária, e a solicitações nossas, cedeu-nos este nosso amigo os bocadinhos de ouro que se seguem, considerações que fez há cerca de 4 anos mas que não perderam a oportunidade:*

Estão-se debatendo assuntos, neste momento, que desde há muito a ela devem a luz da publicidade, muitas vezes representando enormíssimos sacrifícios, pois que, nem todos sabem a série de contingências a que hoje um jornal está sujeito, antes de chegar às mãos do leitor.

A crise gravíssima que atravessamos foi já há anos por mim prevista, como se prova com várias entrevistas dadas aos jornais, artigos meus, nos mesmos inseridos, e num livro publicado em 1929. Sempre afirmei, e agora o repito mais convicto do que nunca: *a lavoura é a base do Estado Português!* Da terra tudo depende e o Estado somos todos nós. São todos aqueles que pagam contribuições ou por qualquer forma representam um elo do organismo social.

E assim, a lavoura, que representa a riqueza pública, tem obrigação — e, não há obrigação que não dê direitos — de dizer aos poderes constituídos aquilo que quer; e, o que pretende, é muito pouco: se quando ganha, o bem é para todos, quando perde, o mal a todos tem que tocar. O lavrador, tudo o que a terra lhe entrega, a ela tudo restitui: na modernização das suas alfaias, na estirpação de todo o escalracho, na urbanização, tão necessária, e até na irrigação, embora os poucos recursos que o Estado lhe faculte.

Ninguém ignora que Mértola, Beja, Aljustrel, Castro Verde, Odemira e outras localidades, além do seu valor agrícola, contêm abundante riqueza mineral: só no concelho de Odemira, mais de quinhentas concessões de minas. Indicam as estatísticas que a densi-

dade média de vias de comunicação no continente é de 185 metros por quilómetro quadrado; pois nos distritos de Beja e Evora não chega a atingir 75 e no concelho de Odemira, um dos mais ricos, quer agrícola quer em minério, não ultrapassa 13. Como poderá, pois, desenvolver-se a produção nacional, concorrendo com a estrangeira, de molde a baratear a vida, num tal estado de atraso? Um adido comercial inglês afirmou, ao fazer um relatório comercial sobre Portugal. *«O agricultor português encontra enormes desvantagens no elevado custo de transportes internos. Do Alentejo a Lisboa, o transporte de trigo sai mais caro, do que dos Estados Unidos da América, ou do Canadá, a qualquer dos principais portos de Portugal».*

Assim, com tal disparate de tarifas, não pode deixar de ser funesta a sua consequência; e, precisamente, quando os produtos mais desvalorizados estavam, é que essas tarifas tiveram o último aumento.

A lavoura não pode admitir a continuação de factos deploráveis, como este que citamos, de entre muitos outros, sem indicar aos governos a forma de remediá-los e estou certo será atendida.

Em grande parte, a lavoura depende das vias de comunicação, bem como das tarifas de transportes. A lavoura encontra-se absolutamente sufocada! Em parte nenhuma do mundo foi ainda admitido, que sobre o capital que nela é utilizado, incidam juros superiores a 4 por cento, já vencidos e a prazos longos, e, isto, onde tudo está feito, de ha muito e nos seus lugares, onde o fomento, para o desenvolvimento dos povos está completa-

mente actualizado; como pode, pois a nossa lavoura, pagar 8, 9, 10 e mais por cento de juros, e a prazos curtos? E' a ruína! E se arruinar-mos a matéria colectável, onde pois, lançar os tributos?

A mais rudimentar experiencia indica a impossibilidade, apenas compreensível pela falta de número.

Esta exiguidade, porém, que asfixia todos os ramos da actividade nacional, ha que suprimi-la quanto antes.

Em 1930 uma obra gigantesca foi apresentada ao Sr. Ministro do Comercio, pela qual viriam a entrar no Paiz muitos milhões de libras, para serem pagas, com escudos, no prazo de vinte anos.

Essa obra consistia no seguinte:

*Uma sociedade portuguesa, em ligação financeira com um grupo anglo-belga, entregou na Direcção dos Caminhos de Ferro um pedido para a construção dos seguintes troços de linhas férreas: Primeiro, na linha do Sorraia; da margem direita do Tejo ao Montijo, na margem esquerda; até Ponte de Sor, na linha de Leste, incluindo a ponte sobre o Tejo, numa obra conjunta indispensável. Segundo, na linha do Guadiana: o troço de Reguengos a Mourão e de Pias a Pomarão; Terceiro, na linha de Castro Verde: o troço de Carregueiro, na linha do Sul, a Mértola e a sua ligação com a linha do Guadiana; Quarto, a linha de Lagos a Aljezur e a sua ligação em Amoreiras, na linha do Algarve.*

*(Transcrito do jornal «O Século», de 14 de Novembro de 1930.)*

*(Continua na página 7)*

# O Problema do pão, resolvido?

**Assim deve ser, visto estar incluído nas propostas de lei sobre a carestia da vida apresentadas na Assembléa Nacional**

Não tem fim a nossa campanha em prol dos interesses da Lavoura Nacional, tão complexos são os assuntos que lhe interessam e lhe dão vida.

O problema do preço do pão, pode considerar-se resolvido, está constantemente incluído nas propostas de lei acerca da carestia da vida perfilhadas pela Assembléa Nacional. Portanto entregue em boas mãos, para uma solução fácil consentânea com as necessidades das classes menos favorecidas de fortuna.

Tudo nos leva a crer a nós, lavradores, que a ilustre assembleia, encontrará meio fácil de acudir às necessidades daquela classe barateando o preço do pão sem necessidade de atrofiar mais a Lavoura reduzindo mais o preço da tabela oficial do trigo, devido à qual se tem feito enormes sacrificios conseguindo-se o *desideratum* em causa, bastar de trigo a consumo público, de farinhas.

Nenhuma outra campanha, no último meio século vem redundando com melhores benefícios para a economia nacional assim como para a difusão de interesses para todas as classes que vivem do favor público do país.

E nenhuma outra medida dos Poderes Constituídos tem concorrido tanto para a valorização da propriedade e efectivação do trabalho rural em que tem ocupação a maioria da população provincial do Alentejo.

Tudo isso indubitavelmente será ponderado pela ilustre Assembléa Nacional tendo nós de pugnar por outros interesses e regalias para a nossa classe, e considerando aqueles resolvidos com subido critério, dada a feição do Parlamento, — legalizar a obra colossal do ressurgimento pelo Estado Novo.

No nosso anterior relato, fizemos alusão à dificuldade em concorrer ao fornecimento de gados ao Mercado do Matadouro Municipal, em Lisboa, porque é um facto a relativa ausência de ofertas dos gados alentejanos, atenta à sua produção regular, e temos que justificar as causas desse afastamento pernicioso para a lavoura e para o regular abastecimento desse Mercado.

A Lavoura Alentejana e à das restantes regiões vem sendo permitido em determinadas épocas do ano, fazer ofertas dos seus gados; em regra os lavradores concorrem, mas quem o faz pela primeira vez raramente continua aproveitando essa regalia porque se manda o gado por terra, em trajectos enormes, este diminui de peso e chega desfigurado, dando em resultado de serem refugadas algumas rezes, e desde que o sejam o prejuizo e a contrariedade são manifestos, porque essas rezes têm de ser vendidas ao desbarato aos marchantes que sempre se aproveitam dessa situação. Se o gado transita pelo caminho de ferro, é necessário reunir, pelo menos, 10 cabeças, a-fim-de se aproveitar o transporte mais económico, pois o que diz respeito ao preço dos transportes, que de resto em tudo, muito tem a Lavoura a esperar de protecção.

A que modalidade se poderia recorrer para obviar a semelhante contingência? Bastaria permitir que o gado

fôsse inspecionado nas respectivas localidades pelos veterinários municipais, captivos apenas os de doenças internas que obstassem à sua aprovação no Matadouro de Lisboa.

Por esse modo e agrupando-se os pequenos criadores, teriam, por intermédio dos respectivos Sindicatos Agrícolas, ensejo de concorrer ao Matadouro Lisbonense, sem correrem as contingências de lhe ser desaprovado o gado oferecido, e até sem necessidade de assistir ao respectivo abatimento dada a certeza de lhe ser aceite a sua remessa, e a seriedade que preside à sua liquidação.

Que dificuldades há para o fim em causa? Simples modalidades em que se deviam interessar os Sindicatos e as agremiações agrícolas de preponderância, posto que a estas e aos seus dirigentes assiste o dever de se interessarem permanentemente pelos benefícios das classes que os elegeram, impondo-lhe o cargo, a missão de pugnar constantemente por tudo quanto possa interessar a essas classes.

A continuar a produção abundante de trigo — mau grado nosso, mal começado no ano corrente — é mister recorrer ao máximo consumo dos produtos da terra sem os limitar nem os restringir, criando-se remuneradora aplicação do centeio e milho, na alimentação dos gados destinados ao consumo do Continente e àqueles de que se torne possível obter exportação como sucede com o gado suíno, uma das maiores riquezas do Alentejo.

Esperar tudo dos Poderes Constituídos, é ser exigente em demasia; às agremiações agrícolas e aos seus dirigentes é que se não pode perdoar negligência nem hesitações. Todo o seu esforço no sentido de obter melhoria de situação para a sua classe merecem apoio e reconhecimento dos respectivos interessados. E só essas agremiações em regra são ouvidas e atendidas; os clamores isolados de alguns dos seus componentes, como nos acontece, são brados perdidos no deserto, e em muitos casos considerados utopias visionárias.

Confirmam-se os conceitos tendo em vista o que acontece com os trigos nos celeiros, deteriorando-se e preocupando enormemente a Lavoura, porque não há o justo desejo de a vencer nem atender, recebendo-lhes e dando-lhes respectivos *warrants*, visto que o Banco de Portugal, a maior e a mais bem organizada entidade financeira nacional — se propõe descontá-los.

Não é sem encargos para a Lavoura, que essas facilidades de lhe proporcionar a imposição de juros é o maior escalracho das suas sementeiras, e a absorção dos seus minguados proventos. E todavia é uma necessidade a que ela se sujeita para acudir aos seus instantes compromissos, pois que tem que dispendir constantemente muito para, afinal, vir a ter produto no fim dum longo ano, se a Providência fôr pródiga para lhos conceder... Vive horas angustiosas a Lavoura, na incerteza da situação que lhe vem sendo criada pelo bando de financeiros agregados em vol-

**Tenente Coronel aviador Brito Pais**

**Passa no dia 22 o 1.º aniversário da sua morte desastrosa**



Faz no dia 22 um ano que um terrível desastre victimou além de outros aviadores um dos alentejanos mais ilustre, cuja morte tanta consternação causou tanto em Portugal como no estrangeiro. Referimo-nos ao saudoso aviador tenente coronel Brito Pais o intrepido comandante do raid-Milfontes-Macau, feito que assombrou todo o mundo.

Sua família, manda rezar nesse dia uma missa sufragando a alma desse nosso infeliz e saudoso comprovinciano.

ta da Grande Moagem, o qual só forceja em tirar o máximo proveito da sua mosa agremiação insta por uma notável indústria. Agora rumoreja-se que a diminuição no preço do trigo tremês com o fundamento deste ser menos rendoso em farinhas claras, a-fim-de reduzir a respectiva sementeira desta qualidade de trigo que é própria nesta época. Semelhante pretensão poderá e deverá ser atendida? Entendemos que não deve ser.

A qualidade do trigo focada tem aproveitamento misturando-se com trigos moles que produzem farinhas mais claras, remediado assim o exagerado inconveniente; preciso se torna atender a necessidade que a Lavoura tem de recorrer a essas sementeiras em anos em que não pode efectivar toda a sementeira temporã, e ainda porque, essa sementeira durante a primavera é um recurso de que ela não pode prescindir para utilização das suas alfaías agrícolas e o emprego da população rural, que não pode ter interregnos de ocupação até às colheitas.

Quem sairá vencedor desta contenda de interesses? A Lavoura que representa o factor da riqueza nacional e de trabalho difundindo a produção e a actividade agrária, ou a Moagem que notoriamente vem entravando a actividade nacional, mantendo inúmeras fábricas paralizadas em proveito do «cambão» e detrimento dos proventos dos operários da especialidade?

Que resolva quem tiver olhos, pois precisa ver muito sob pena de não deixar obra digna de apreço e reconhecimento...

**JOSÉ MENDES**  
(Lavrador em Elvas)

# Jornal do meio dia

## O despertar da lavoura



Aloaso José da Fonte  
Novo aderente em Beja

Bem diziamos nós no começo da propaganda para a fundação de um jornal diário que defendesse sem desfalecimentos os legítimos interesses da Lavoura: «no Alentejo existem muito boas vontades adormecidas e que sem dúvida abraçarão a iniciativa dos lavradores de Elvas.

E assim tem sido: nunca iniciativa alguma caiu tão bem no amago dos alentejanos. Desde Odemira a Nisa, todos anseiam pelo aparecimento desse órgão que traduzirá no futuro as aspirações da Lavoura Nacional.

E é necessário notar: não pretendemos fazer apenas um jornal que se limite ao Alentejo, apesar de que o Alentejo é uma vasta região capaz de sustentar um jornal diário. Não; a nossa defesa estende-se a mais. Queremos que o *Jornal do Meio-dia*, defenda todos aqueles que vivem da terra; queremos ainda: que esse jornal, pela sua factura, e pelos assuntos que vai versar seja um diário da simpatia de toda a população portuguesa.

Para conseguir isso, não nos falta vontade e dedicação; para tal conseguir, repetimos, estamos-nos rodeando de elementos no jornalismo profissional que são uma grande garantia do sucesso que vai alcançar o *Jornal do meio dia*.

Dizia-nos há dias um grande lavrador campo-maiorense: «o diário que se pretende não podia vir em melhor oportunidade. Se agora se não conseguir munirmo-nos dessa

arma, então, nunca mais se consegue.»

### Aos Sindicatos Agrícolas

A comissão organizadora da Alentejana Editora pede a todos os Sindicatos Agrícolas a quem lhe foram enviadas circulares o favor de as devolverem, logo que estejam preenchidas.

### O encerramento das inscrições dos aderentes

Na reunião realizada em Beja, e por proposta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mira Galvão foi deliberado marcar um prazo para o encerramento da inscrição de aderentes à *Alentejana Editora*.

Esse prazo finda no próximo dia 28.

A todos os amigos, aderentes à Alentejana Editora pedimos o favor de nos enviarem a sua fotografia.

### O que diz a Imprensa

(De *A Província*, de Moura)

«*Jornal do Meio-Dia* — Pedro Muralha, o excelente amigo e infatigável e ilustre jornalista que pelo Alentejo e pelo País tanto tem pugnado — haja em vista o admirável trabalho que é o Album Alentejano — vai lançar, em Lisboa um novo jornal, «*Jornal do Meio-Dia*» que, como o título indica, apare-



Isidro Martins Faria  
Novo aderente em Beja

cerá ao meio dia com todo o noticiário, comentários, crítica, etc.

O Alentejo terá nele um novo paladino, e não será dos menos entusiastas, sendo certamente um dos melhores, a julgar pelo número especimen publica-

## Curiosidades

### Criadores de formigas

Um engenheiro de Texas imaginou um meio para criar formigas brancas e pretas que servem, de ajudantes aos horticultores da Califórnia na sua luta na extinção dos insectos que prejudicam as árvores frutíferas. É sabido que as formigas devoram com um invejável apetite os ovos de certos insectos. O citado ideou uma espécie de esponja incubadora, e para atrair as formigas para o seu interior imbebe-a com açúcar líquido e, feito isto, prende-a ao galho de uma árvore.

Uns doze ou quinze dias depois, quando o tempo é favorável e as formigas deixaram o seu ninho esponjoso para irem em procura de alimento tira-se a esponja da árvore e é enviada, em caixas especiais, aos horticultores da Califórnia.

Aí é amarrada novamente num galho de árvore atacada pelos insectos, e prontamente os ovinhos se partem, para dar saída à numerosa criação, que é a que se encarregará de devorar os outros ovos de insectos daninhos.

### Como castiga a França os traficantes de tóxicos

São bem severas as disposições penais em França contra os traficantes de tóxicos. A lei que regula a matéria dispõe, no artigo 2.<sup>o</sup>: — Multa de 1:000 a 10:000 francos e três meses a dois anos de prisão para todo aquele que for encontrado a vender ou transportar ópio e os seus extractos; morfina e os seus sais; alcaloides de ópio (excepção da codeína); cocaina e seus sais; hashish e seus preparados.

Incorrem na mesma sanção penal aqueles que se reunirem em sociedade para usar dessas substâncias e que facilitem a outros o seu uso, oneroso ou a título gratuito.

Em caso de reincidência, essas penas são dobradas e ainda pode ser pronunciada contra o delinquento a interdição de todos os seus direitos civis.

do na «*Vida Alentejana*», outra excelente publicação de Pedro Muralha.

Os nossos efusivos cumprimentos, todo o fraco préstimo cá de casa e o desejo de o ver em breve na nossa mesa de trabalho.

(De *O Despertar da Beira*, de Madeirã)

«Com este título, vai aparecer brevemente um novo jornal dirigido pelo conhecido jornalista e escritor sr. Pedro Muralha.

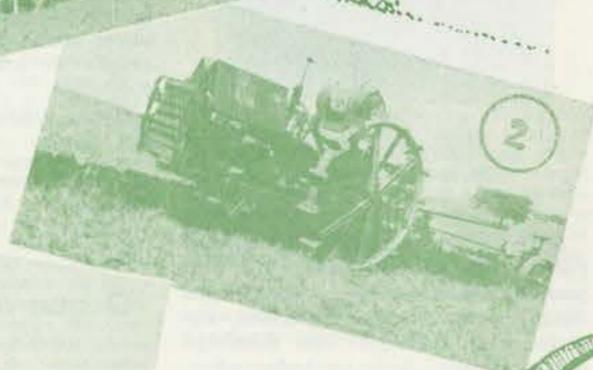
O novo jornal que segundo o título indica, se publicará diariamente e ao meio dia, será órgão da lavoura alentejana, defendendo os interesses gerais da província.

Louvamos a iniciativa de Pedro Muralha bem aceite por todos os alentejanos, e fazemos votos para que ela nos, e ficamos aguardando a aparição do anunciado jornal, a quem antecipadamente desejamos as maiores prosperidades.»

Também os diários da capital «*A Voz*» e o «*Diário de Lisboa*», se referem à reunião efectuada no Grémio Alentejano, com palavras de carinho que muito agradecemos.

# A CULTURA do TRIGO

# do ALENTEJO



- 1—Grande lavoura mecânica—Aparelho de lavoura sistema *Fowler* da casa agrícola «Sociedade Almodovar Ltd.» trabalhando nos Barros de Beja.
- 2—Media lavoura mecânica—Um auto charrua *Stogro* do 1.º Parque de Material Agrícola, lavrando nos Barros de Beja.
- 3—Pequena lavoura mecânica—Um tractor *Fordson* lavrando com uma charrua *Massey Harris* nos Barros de Beja.
- 4—Rancho de mondadeiras mondando uma seara de trigo—Beja.
- 5—Uma boa seara de trigo, nos ferregiais de Beja, pertencente ao Sr. Tenente António Tomé, concorrente aos premios de intensificação cultural da Campanha da Produção.
- 6—Uma soberba seara de trigo no Alentejo, do Sr. João Galvão de Beringel concorrente aos prémios de cultura.
- 7—Ceifa manual numa grande lavoura alentejana, «Sociedade Almodovar, Ltd.» de Beja.
- 8—Ceifa mecânica numa propriedade do Sr. Francisco Crujo, de Beja.
- 9—Indumentária da ceifeira alentejana.
- 10—Carregando o trigo para a eira.
- 11—Debulha a sangue feita pelo pequeno seareiro
- 12—Debulha mecânica.

Fotog. 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 12 de J. Mira Galvão  
1, 7, 10, 11 de J. Cesar de Sá.

# O Sindicato Agrícola de Beja

É uma instituição que tem prestado grandes serviços á lavoura. — Quem foram os seus sócios fundadores



Marco Bentes  
1.º Presidente

O Sindicato Agrícola de Beja, teve como muitos outros espalhados pelo paiz uma vida difícil durante muitos anos.

Sendo Beja, a capital do distrito do paiz que maior produção de cereais recolhe, não podia Beja ficar indiferente á lei que criou em Portugal os Sindicatos Agrícolas. E dizemos ser o distrito de Beja o maior produtor de cereais, pois enquanto, em 1924, o paiz inteiro produzia 370 milhões de quilos de trigo só esse distrito produziu um terço ou sejam 90 milhões de quilos. E' por essa razão que se emprega esta frase feliz: «Se o Alentejo é o celeiro de Portugal, o distrito de Beja é o celeiro do Alentejo».

Consequentemente, Beja não podia ficar indiferente a essa propaganda em prol da criação dos Sindicatos Agrícolas onde os lavradores unidos, fariam as suas reclamações.

Foi, pois, nos fins de 1914 que o Sindicato Agrícola de Beja se fundou. Eram então muito poucos os lavradores que compreenderam que deviam estar sindicados. Não porque esperassem que os Sindicatos conseguissem melhorar-lhe a situação, mas como sua própria defesa. O Sindicato forneceria adubos, forneceria sementes seleccionadas, forne-

ceria alfaías agrícolas. O intermediário seria posto de banda, e isto já era uma grande conveniência para a agricultura.

Assim uma duzia de lavradores, meterão ombros á empreza e fundaram o seu Sindicato.

Foram êles os srs:

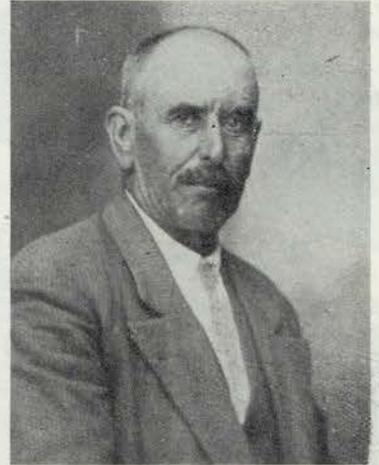
Marcos Adriano da Silva Bentes, Francisco Fragoso Crujo, Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes, Deodato António Vargas, Francisco António Ferraz, José Duarte Laranja Gomes Palma, José Melitão Poças de Castro e Sousa, Alfredo da Conceição Pires Padinha, Joaquim Filipe de Oliveira Fernandes, António Joaquim Palma, Venancio Palma Ferreira Lima, João Bernardo Mestre, Silvestre António Candeado, António Manoel Lampreia, Manoel Maria Lampreia, António Adriano da Rosa e João Mendes Lança da Fonseca.

Foram pois, apenas estes 17 lavradores, alguns dos quais já a morte ceifou, que fundaram essa instituição que no futuro tão relevantes serviços havia de prestar á lavoura local.

Não podiam êsses lavradores contar nessa ocasião com muitos mais elementos. Os lavradores ou seareiros de Beja, na sua maioria eram avessos a causas associativas. Eram



Miguel Fernandes  
Sócio Fundador



Antonio Manuel Mentos Palma  
Actual Presidente

como todos os alentejanos: desconfiados em demasia, preferindo tratar apenas de si a contribuir para o bem da sua classe. Das freguezias rurais também o Sindicato não tinha ninguém. Além dos motivos apontados outros existiam. Não havia estradas; os automóveis, ainda constituíam objectos que só milionários podiam possuir. Era necessário perder-se um longo dia para ir a Beja, e isso só se fazia em dias de Mercado, ou quando da feira de Agosto.

Mas a primeira direcção do Sindicato não desanimou. Esta era constituída pelos seguintes srs:

**Direcção** — Presidente, Marcos Adriano da Silva Bentes. Tesoureiro, Francisco Fragoso Crujo. Secretário, João Mendes Lança da Fonseca.

**Assembleia Geral** — Presidente, dr. Manoel Duarte Laranja Gomes Palma. Vice-Presidente, Silvestre António Cansado. 1.º e 2.º Secretários, António Manoel Lampreia e Joaquim Filipe de Oliveira Fernandes.

**Conselho Fiscal** — Presidente, Alfredo da Conceição Pires Padi-

nha. Vogais, João Fernandes Mestre e José Militão Poças de Castro e Sousa.

E foi tal a dedicação desta direcção, lutando com a negligência de uns e com a má vontade de outros, — pois tinham os antigos intermediários que lhe promoviam guerra surda — foi, repetimos, tal a dedicação e a coragem dêsse grupo de homens que souberam compreender que parar é morrer, que, um ano depois (1915) o Sindicato já possuía nada menos do que 200 associados.

E desde essa época até á actualidade — e já lá vão 20 longos anos — o Sindicato Agrícola tem progredido imenso tendo-lhe dado um enorme incremento o nosso amigo e patricio Joaquim Lança, que apesar de há longos anos residir em Lisboa jamais deixou de tratar dos assuntos do Sindicato com um grande e acrisolado carinho, tendo a acompanhá-lo nesse trabalho insano os nossos amigos Bernardo Tavares, chefe da secretaria e Virgílio Canso em ajudante.

Presentemente o Sindicato Agrícola tem uma vida desafogada com 850 associados, sendo o seu fundo social em Dezembro de 1933 de escudos 304.564\$25.

Está á frente dêsste Sindicato um homem que, se não cursou universidades, tem todavia enorme autoridade sôbre assuntos de Lavoura. E' o nosso presado assinante e ami-

go sr. António Manoel Montes Palma, que o govêrno da nação condecorou com a medalha de «Mérito Agrícola», homenagem prestada a quem á lavoura tantos serviços tem prestado.

O sr. António Manoel Montes Palma, é bem o protótipo do homem do baixo Alentejo. Mas não é egoísta, trabalhando só para si. Ele também se preocupa com os altos problemas da sua classe e força-se para resolver os mesmos em harmonia com o seu bom critério.

Não é homem para exhibicionismos. Trabalha diligenciando sempre ocultar o seu nome, tendo a ajudá-lo com a maior dedicação todos os que no Sindicato trabalham.

Mas a sede do Sindicato Agrícola é já hoje acanhadíssima para o movimento que tem. Está instalada num acanhado 1.º andar da Praça da República. Possui além dum pequeno escritório uma sala que hoje é ocupada pela delegação da Federação dos Produtores de Trigos.

Tem também a loja, onde se encontram os artigos que são fornecidos aos seus associados, tais como: alfaias agrícolas, cordas, correias, adubos, etc.

Pensa a actual direcção em arranjar outra sede que seja em harmonia com as suas necessidades.

Fala-se por certo em que a fu-

tura sede não só do Sindicato, mas da Caixa de Crédito Agrícola, e da delegação ficará instalada no predio onde hoje funciona o Liceu Fialho de Almeida.

Se assim for, o Sindicato Agrícola de Beja, será o melhor instalado em todo o paiz, ainda que os Sindicatos de Evora, Moura e Reguengos de Monsaraz estejam muito bem instalados.

Ficará, pois, Beja, com a sua Casa de Agricultura, demonstrando assim quanta importancia tem a lavoura tem nesta região.

Oxalá que esta aspiração seja em breve um facto.

## A crise no Alentejo

*Continuação da primeira página*

Sei que entidades técnicas foram consultadas, as quais teceram os maiores elogios a essa obra de conjunto, estudada, não só pelo prisma económico, como pelo de, minorando a situação aflitiva de tantas famílias famintas, *valorizar a matéria colectável*, a qual, pela riqueza que contem, retribuirá generosamente para essa obra formidável, pois não faz sentido que as duas provincias mais ricas do Paiz se encontrem separadas da Capital da sua nacionalidade, por esse enorme fôssio:

*O Tejo.*

# Sindicato Agrícola de Beja

Alfaias agrícolas, Adubos

Transacções de cereais

Lãs e tudo que diga respeito á lavoura

## O Mel

### Sua aplicação na doçaria caseira

(Do *Posta Central do fomento agrícola*)

#### «Alcâncoras» (Popias de espécie)

Mel, 5 decilitros.  
Azeite, 25 decilitros.  
Farinha ou rolão, quarta parte.  
Canela e casca de limão, quarta parte.

Põe-se o mel ao lume, e, em fervendo, tira-se-lhe a espuma e impurezas e junta-se-lhe o azeite.

Em levantando novamente fervura deita-se canela e vidro de limão ou laranja e vai-se misturando farinha, que pode ser rolão ou farinha peneirada por peneira pouco fina, e mexendo até ter consistência para se fazerem os biscoitos. Deve notar-se que a massa endurece com o arrefecimento.

Também se pode misturar umas gemas de ovo, e há quem faça a espécie sem azeite.

Tira-se para uma travessa untada com azeite e enquanto arrefece faz-se a

#### Massa tenra

Para as capas pode empregar-se qualquer massa tenra feita com banha, mas a mais vulgarmente usada é a que se obtém da maneira seguinte: — deita-se num alguidar farinha fina e junta-se-lhe azeite até que, apertando a farinha na mão, depois de muito bem misturada com o azeite, faça bola que não desmanche. Estando assim, vai-se amassando com água morna temperada com sal até estar boa para estender na táboa com o rolo de massas. Estende-se não muito fina, e vai-se cortando com a carretilha em bocados de aproximadamente 16 a 18 centímetros de comprimento por 3 de largura. Da espécie fazem-se uns cordões ou rolos tendo 15 a 17 centímetros e da grossura de um dedo mínimo, colocando-se os biscoitos ou rolos sobre as tiras de massa, envolvendo-se nesta, mas devendo ficar um bocadinho da espécie a ver-se e com esta massa e espécie formam-se argolas ou fatias que vão ao forno a cozer, em taboleiros de lata.

Para a massa das capas, há quem costume fritar a azeite, para lhe não dar mau gosto. Leva-se o azeite ao lume, e em fervendo deita-se-lhe um bocadinho de pão; quando o pão está loiro considera-se o azeite bom para empregar logo que arrefeça.

Com a mesma espécie faziam-se há anos, em Beja, para serem vendidas à porta da igreja de Santo Amaro as «Per-ninhas de Santo Amaro».

Preparava-se a espécie e a massa tenra como para as alcâncoras, estendia-se a massa com o rolo sobre a táboa e cortava-se nas formas de um pé e perna até ao joelho, braço e mão, ou ainda de coração.

Em seguida ageitava-se a espécie até ficar com um centímetro ou pouco menos de altura, e colocada sobre a massa tenra que se levantava toda em volta, a formar caixa à espécie guarnecia-se com folhas, flores, e respectivas hastas feita com a massa tenra, formando ramos, recortes, estrêlas, laços, etc. Iam a cozer em forno brando, destacando bem as bordaduras brancas sobre o fundo escuro da espécie.

## A ROSEIRA

### Sua origem e sua importância «ética e étnica»

Pelo Professor S. Decker

#### XIII

8.º — *Grupo de rosas polyanthas* anãs, (*Rosa* híbrida *polyantha* hort) — As variedades deste grupo originaram-se do cruzamento de variedades do grupo das rosas «chá» e das rosas híbridas de «chá» com a «*Rosa multiflora*». São variedades baixas que se caracterizam pelas suas panículas florais frequentemente gigantescas e sempre erectas, em oposição às inflorescências das rosas trepadeiras, em geral graciosamente pendulosas. Graças a esta disposição feliz, são realmente indispensáveis para a formação de grandes grupos e massas.

As mais recentes criações são verdadeiras obras primas, de mãos de mestre. A sinfonia jubilosa que executam quando plantadas em nossos jardins, como a prece muda que elevam ao céu quando cobrem de um véu sempre florido o túmulo daqueles que eram o nosso outro «eu» nesta vida passageira, são duas impressões decerto bem diferentes, mas invocadas pelas mesmas rosas! No primeiro caso é a grande massa exuberante que exalta; no segundo, é a flor em si, o individual simbólico que toca no mais íntimo dos nossos corações.

9.º — *Grupo das «Rosas pernitianas»* (*Rosa tutea* híbrida) — Estas rosas, de mais recente obtenção, foram criadas por Jules Pernet, de Lion, pelo cruzamento da velha «*Persian yellow*». Dela nasceu a primeira «*Rosa pernitiana*», a então célebre «*Soleil d'or*». Como não conseguisse a frutificação desse híbrido, foi o mesmo empregado apenas como pai, para as futuras criações, fornecendo o polen necessário. É o suficiente para se avaliarem as imensas dificuldades que houve a vencer.

As flores das roseiras deste grupo podem ser em muitos casos distinguidos por um amarelo alarjado, ou avermelhado, podendo ser chamado «vermelho carangueijo» ou «vermelho camarão». As folhas são sempre grandes, coriáceas e lustrosas. O número destas maravilhas da côr é hoje enorme, — pois quando apareceram os primeiros exemplares, o entusiasmo dos floricultores

foi tamanho que todos se lançaram com afinco à faina de obter idênticas variedades. E estas foram obtidas em tal multiplicidade, que muitas que trazem nomes diferentes apenas se diferenciam ou pelo lugar de origem ou por uma leve diferença de matiz.

#### CLASSE III

##### Rosas trepadeiras multi-floras

Sua origem é complexa. Nela colaboram as seguintes espécies: a «*Rosa pendulina*», a «*Rosa arvensis*», a «*Rosa sempivirens*» que é a «*Rosa sempreverde*» e deu origem à admirável rosa «*Filicitee et Perpétue*» (1882), e enfim a «*Rosa setigera*», que é a «*Rose des Prairies*». O tipo silvestre mais importante é, porém, a «*Rosa multiflora*», originária da China, da Coréa, do Japão, da Ilha Formosa e de Luzon. As suas pétalas são pequenas e brancas formando, panículas bem viçosas. Esta espécie fornece duas variedades — uma de flores pequenas e roseas que se assemelham às das espécies típicas, e outra de flores muito grandes e purpúreas. Tais caracteres se transmitem hereditariamente. Essa a razão porque se fala de «rosas trepadeiras florescendo repetidamente no mesmo ano». Mas, fala-se, também de rosas trepadeiras grandes e microfloras. A primeira variedade, com panículas de flores pequenas, possui a folhagem pequena e ornamental da espécie típica, ao passo que a segunda se distingue pelas folhas muito grandes e escuras, que transmite também aos seus descendentes.

## Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Vitória, 88-3.º

Telef. 2 7277

LISBOA

### Polainas Marca DUQUE

da Rua do Ouro, 294

São preferidas pelas pessoas de bom gosto, pela elegância, resistência e côr fixa, a retalho e revenda.



# VEEDOL

## EXPERIMENTE

## ESTES

## DIFERENTES

# OLEOS

100 %

PENNSYLVANIA

# LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos em Portugal:

# VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 94 — Telef. 2 8023/4

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAIZ